



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

NOSSAS HISTÓRIAS EM SALA DE AULA: A FORÇA DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS DO/NO CAMPO

Eixo: Prática Pedagógica e Currículo Escolar
Subprojeto: Pedagogia

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Domingos de Santana Neto (nettofsa15@gmail.com); **Adriany Correia Freitas**
(adrianyuefs@gmail.com); **Jackeline Shirley Barbosa da Luz**
(jackeline.luz@educ.feiradesantana.ba.gov.br); **Ana Karolina Silva Santos**
(anakarolinasilvauefs@gmail.com); **Laura Thaís Souza Cerqueira**
(laurathais778@gmail.com)

Palavras-chave: Formação identitária. Educação do campo. Relações étnico-raciais.

1 INTRODUÇÃO

A formação identitária dos sujeitos do campo, a partir da escola, se constrói desde os embates dos movimentos sociais em defesa de uma educação pública de qualidade, até a efetivação de práticas pedagógicas fundamentadas em um currículo contextualizado. Apesar de limitações históricas e orçamentárias, a escola resiste como espaço de reivindicação de direitos, em diálogo com a realidade do campo entendendo, por meio da pedagogia freireana, que a educação se estabelece como prática social vinculada à vida concreta (Vendramini, 2015; Freire, 1974).

Portanto, este relato surge no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, a partir do subprojeto de Pedagogia, vinculado a Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, que parte da proposta de trabalho com a Educação do Campo na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais, com o objetivo de discutir práticas pedagógicas que articulam saberes locais e conhecimento escolar, de modo a fortalecer a identidade da criança negra do campo, valorizando sua cultura histórica e comunitária, compreendendo como a escola articula saberes locais e práticas educativas que os legitimem como categorias do debate crítico.

Este relato de experiência justifica-se pela possibilidade de contribuir para a formação de educadores comprometidos com a valorização e fortalecimento das identidades, ao mesmo tempo em que evidencia a relevância da articulação entre teoria e prática. Portanto, cientificamente, apoia-se na compreensão de que a escola do campo tem papel estratégico na formação das crianças negras, quando articula relações étnico-raciais, cultura do campo, e políticas afirmativas (Caldart, 2004), bem como com dispositivos legais como a Lei 10.639/03 e as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Nesse contexto, dialoga com Freire (1974) e Teixeira e Sobral (2010), na busca pela escuta ativa, incluindo a valorização dos saberes subjetivos nas considerações e planejamentos; e com Arroyo (2020), ao defender uma educação pautada pela justiça social e pelo reconhecimento de identidades marginalizadas. Ademais, se analisa numa perspectiva social ao se ancorar no enfrentamento das desigualdades e na promoção de práticas que reconheçam a diversidade, valorizando saberes ancestrais e comunitários e incentivando a coletividade e a equidade.

2 METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas no primeiro semestre letivo de 2025, na Escola Municipal Raul Ribeiro de Oliveira, situada na comunidade de Fazenda Água Grande, Distrito de Maria Quitéria, zona rural de Feira de Santana. O trabalho ocorreu em uma turma do 3º ano, composta por 25 crianças, em sua maioria negras, com idades entre 9 e 12 anos.

Para realização das propostas de intervenção adotamos, desde o início do ano letivo, os seguintes procedimentos: a) participação na jornada pedagógica; b) visita à comunidade externa; c) apreciação dos documentos que regem a escola; d) observação da dinâmica escolar; e) apresentação dos/as bolsistas à turma; f) observações participantes; g) planejamento de propostas para a primeira edição do *Julho das Pretas: uma homenagem às mulheres negras do nosso lugar* e construção do plano de trabalho do subprojeto *saberes que curam: conhecendo as plantas medicinais da nossa comunidade*, que compõe o projeto *saberes e práticas do campo: a tradição de um povo*.

As atividades foram realizadas em sequência cronológica, contemplando diferentes momentos formativos no âmbito das propostas supracitadas. Referente ao Julho das Pretas, produzimos e desenvolvemos atividades referentes à biografia de mulheres negras de destaque na comunidade, na cidade e na sociedade de modo geral, culminando em um momento de celebração ao dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha que contou com uma roda de conversa com a autora do livro *Era uma vez uma menina Preta*, Fabiana Cardeal, que realizou a contação da história e dialogou com as convidadas da comunidade, a multiartista

Nicole Sá e a poetisa Júlia Suzarte, seguido do desfile das meninas pretinhas. No que tange às atividades do Projeto saberes do campo, a primeira delas foi o seu lançamento, com a participação de pessoas da comunidade, momento em que a proposta foi apresentada à comunidade escolar. Posteriormente, as turmas desenvolveram atividades referentes à temática das plantas medicinais a partir da leitura do livro *Luanda e as folhas sagradas do quintal da vovó*; solicitamos o levantamento das plantas utilizadas nos rituais de cura das famílias e que as crianças levassem mudas para a construção da “Farmácia Viva”. A socialização desta atividade ocorreu em uma roda de conversa com Dona Berenice Gonzaga, rezadeira da comunidade, e com Dona Raimunda Barbosa, uma das primeiras professoras da escola, também moradora da comunidade, que cultivava plantas medicinais. Posteriormente, realizou-se uma aula de campo em espaços da UEFS. A duração de cada etapa variou conforme as necessidades de aprofundamento, podendo ter ocorrido em uma ou mais aulas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados confirmam as discussões apresentadas na introdução, especialmente no que se refere à luta contra o racismo e à valorização da identidade da criança negra do campo. Segundo Gomes (2024), o racismo atua por meio da invisibilização, dos estereótipos e da fragmentação da identidade negra, negando a relevância dos saberes e tradições dessa população. As atividades desenvolvidas, como o lançamento do projeto, o Julho das Pretas que envolveu a roda de conversa, exposição fotográfica, desfile e as atividades referentes às plantas medicinais, evidenciaram o enfrentamento de processos de apagamento cultural e identitário, promovendo o reconhecimento e a valorização da identidade e dos saberes dos alunos.

Em consonância com a pedagogia de Freire (1974), as atividades promoveram o protagonismo dos estudantes e a problematização de seus modos de vida, mesmo diante de desafios como resistência inicial, limitação de tempo ou recursos e demais dificuldades. Ao articular os conteúdos escolares com os saberes ancestrais das famílias e da comunidade, as crianças reafirmaram o campo como um espaço de produção de conhecimento significativo, fortalecendo sua identidade e valorizando sua cultura local. Nesse processo, as atividades favoreceram a percepção e o questionamento de mecanismos de apagamento cultural e identitário, permitindo enfrentar, de forma crítica, práticas que historicamente desterritorializaram saberes e modos de vida, e reafirmando a memória, os nomes e os significados que estruturam sua experiência.

Os resultados observados dialogam com Gomes (2024), ao evidenciar a manifestação do racismo; com Freire (1974), ao reforçar a importância da problematização e do diálogo

crítico; e com Arroyo (2009), ao reafirmar a necessidade de uma educação comprometida com a justiça social e o reconhecimento de identidades historicamente marginalizadas, mostrando que os efeitos positivos percebidos nas crianças são consequência direta das práticas pedagógicas implementadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do subprojeto evidencia que a articulação entre práticas pedagógicas e saberes locais fortalece a identidade da criança negra do campo. As atividades realizadas mostraram que, mesmo diante de intercorrências do contexto, os estudantes se engajaram na construção de conhecimento significativo, reconhecendo o campo como espaço de produção cultural e social. Cabe destacar que, até a data de escrita deste relato, o subprojeto ainda se encontra em andamento, com conclusão programada para 30/09. As observações sugerem que tais ações podem fomentar o protagonismo discente, a problematização das práticas cotidianas e o questionamento de mecanismos históricos de apagamento cultural e identitário. Para nós, enquanto professores em formação, ressalta-se a importância intrínseca do estabelecimento de parcerias colaborativas entre escolas do campo e universidades, visando à concepção e articulação de projetos como o ora descrito, que promovam o engajamento comunitário.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. Gestão da educação com justiça social. Que gestão dos injustiçados?. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 36, n. 2, p. 768-788, 2020.

CALDART, Roseli Salet. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da Educação do Campo. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (org.). **Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional "Por Uma Educação do Campo", 2004. p. 13-52. Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 5.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.4, 2024. p. 12-33. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15207>.

TEIXEIRA, Francimar Martins; SOBRAL, Ana Carolina Moura Bezerra. Como novos conhecimentos podem ser construídos a partir dos conhecimentos prévios: um estudo de caso. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 16, p. 667-677, 2010.

VENDRAMINI, Célia Regina. Qual o futuro das escolas no campo?. **Educação em Revista**, v. 31, n. 3, p. 49-70, 2015.